

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE LETRAS

RELATÓRIO DE  
ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

**Proponente:** Profa. Dra. Carla da Silva Miguelote

**Origem:** Departamento de Letras/Escola de Letras/Centro de Letras e Artes/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**Supervisora de Estágio:** Profa. Dra. Marinela Freitas

**Co-Supervisora de Estágio:** Profa. Dra. Rosa Maria Martelo

**Instituição:** Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa/Faculdade de Letras do Porto/Universidade do Porto

**Período:** de 15 de agosto de 2023 a 15 de julho de 2024 (11 meses)

Rio de Janeiro  
Agosto de 2024

**1) Título do projeto original:** Escrita injuntiva, poesia e intermedialidade: leituras cruzadas entre Patrícia Lino e Ricardo Domeneck

## **2) Principais objetivos do projeto original**

### 2.1 Objetivos Gerais

- a) Investigar e aprofundar as interseções entre pensamento feminista, estudos pós-coloniais e decoloniais e teoria *queer*;
- b) Revisitar teorias literárias a respeito dos contornos da tragédia, do melodrama e da paródia;
- c) Analisar o modo como a paródia e o humor se configuram, na escrita literária, como estratégias de crítica aos discursos dominantes e opressores;
- d) Pesquisar as relações entre arte de instruções, roteiro de performance ou programa performativo e escrita literária de caráter injuntivo;
- e) Contribuir para os estudos acerca da intermedialidade no campo da poesia.

### 2.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar as confluências entre os livros *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), de Patrícia Lino, e *Cigarros na cama* precedido de *Manual para melodrama* (2022), de Ricardo Domeneck;
- b) Investigar os procedimentos intermediáticos na criação de ambos os poetas;
- c) Contribuir para o estudo da poesia no campo da lusofonia, aproximando um poeta brasileiro e uma poeta portuguesa.

### 3) Cronograma original (11 meses): de 15/08/2023 a 15/07/2024

Atividades previstas	Meses										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Leitura e análise de bibliografia teórica	x	x	x	x	x						
Leitura e análise da fortuna crítica sobre os poetas estudados					x	x					
Leitura e análise do <i>corpus</i> literário selecionado					x	x					
Diálogos regulares com as supervisoras	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Apresentação da Investigação em Seminários ou Palestras na FLUP						x					x
Redação dos resultados da pesquisa						x	x	x	x	x	x
Submissão de artigo científico a revistas especializadas											x

### 4) Apresentação geral do projeto original e modificações do percurso

O projeto de investigação apresentado para a realização do estágio pós-doutoral propunha leituras cruzadas entre os livros *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), da poeta portuguesa Patrícia Lino, e *Cigarros na cama* precedido de *Manual para melodrama* (2022), do poeta brasileiro Ricardo Domeneck. A aproximação dos dois livros interessava-nos sobretudo devido ao fato de ambos emularem a linguagem dos manuais, parodiando seus procedimentos discursivos. Observávamos que, fazendo uso da escrita injuntiva, que tem como objetivo levar leitoras e leitores à ação, as lições ou instruções presentes nos dois livros, pelo inusitado de suas propostas, acabavam levando o leitor ao riso. O humor, entretanto, se fazia estratégia de uma escrita crítica e dissonante.

Além do recurso paródico, outro aspecto que aproximava os poetas Patrícia Lino e Ricardo Domeneck consistia no fato de ambos atuarem no âmbito da intermedialidade. *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* dispõe, além dos textos que apresentam os objetos do kit – que consistem sempre em duas seções (“o que é”, “como usar”) –, imagens desses mesmos objetos imaginários. Trata-se de colagens digitais, trabalho de artista visual realizado pela própria poeta. Já *Manual para melodrama* pauta-se todo em referências intermediáticas, sobretudo audiovisuais, já que

o poeta indica um filme paradigmático para cada uma de suas lições. Os filmes funcionariam como ilustrações visuais, de modo a auxiliar a leitora na execução das instruções do livro, que consistem todas em performances de persona abandonada.

A pesquisa proposta, entretanto, permitia-nos enveredar por outro campo, ainda pouco explorado, da relação da literatura com outras artes e mídias. Trata-se da investigação das confluências entre arte de instruções, roteiro de performance ou programa performativo e escrita literária. No artigo intitulado “Programa performativo: o corpo-em-experiência”, de 2013, a professora e pesquisadora Eleonora Fabião (2013) explica que o programa performativo nada seria senão o “enunciado da performance”, um roteiro de ações a serem realizadas “pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio” (FABIÃO, 2013, p. 4). Já Belén Gache aponta para a relação dessas noções com a ideia de partitura, que, do ponto de vista teórico, “remete a um *set* de instruções para se levar a cabo uma ação” e, embora oriunda do campo musical, encontra desdobramentos em “diferentes manifestações estéticas ao longo do século XX até os dias de hoje” (GACHE, 2017, p. 3).

Constatávamos que, embora mais ligada ao campo das artes plásticas, do teatro e da performance, a criação de instruções ao público implica necessariamente a linguagem verbal: o texto instrutivo. Nesse sentido, um dos objetivos da pesquisa era pensar a arte de instruções (e suas manifestações artísticas vizinhas) em confluência com o campo das letras e da escrita literária. Observamos que a arte de instrução se apresenta como um exemplo de escrita injuntiva, que pode ser entendida como um sexto tipo de sequência textual, ao lado dos cinco tipos básicos (narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal). Como evidenciam as receitas culinárias e os manuais de instrução, o propósito do texto injuntivo seria levar o leitor a uma ação. Por isso, as principais marcas linguísticas de sequências textuais injuntivas são: entre os modos verbais, a prevalência do imperativo (ou, em seu lugar, a forma verbal do infinitivo); entre os tempos verbais, quando empregado o modo indicativo, primazia do futuro do presente; o uso de verbos modais; o emprego da segunda pessoa; expressões de hipótese.

Embora as sequências injuntivas sejam muito presentes no nosso cotidiano (para montar um móvel, instalar um aparelho eletrônico, fazer uma receita, dirigir com o auxílio de aplicativos), elas são raras na literatura. Raramente um escritor se dirige ao leitor, pedindo que ele faça algo. E, quando o faz, mais raramente ainda imagina que esse leitor de fato vá seguir as instruções e realizar as ações, que muitas vezes são absurdas ou irrealizáveis. Esse era o caso das instruções presentes nos livros *Manual para melodrama*,

de Ricardo Domeneck, e *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*. Como já dissemos, ambos são paródias de manuais. Nesse sentido, nenhum dos dois pretende que o leitor vá, de fato, executar as ações sugeridas.

Ora, no decorrer da pesquisa, uma constatação foi se impondo: o que me interessava na escrita injuntiva era, mais do que uma modalidade de escrita, com suas características linguísticas próprias, a possibilidade que ela ensejava, de dar o salto do texto para a vida, o que, nas obras literárias que até então compunham o *corpus* da pesquisa, não se concretizava. Em busca de textos literários que pudessem ser, de fato, considerados como programas performativos, ou seja, que realmente propusessem, ao leitor, a execução de uma ação ou sequência de ações, detectamos um caso muito particular, o conto “A viagem de Rita Malú”, que integra a novela “Porque ela não me pediu isso”, do escritor espanhol Enrique Vila-Matas. O referido conto não é escrito na modalidade injuntiva. Segue os aspectos linguísticos das narrativas tradicionais: predomínio do modo verbal indicativo, sistema temporal baseado na alternância dos pretéritos perfeito e imperfeito, uso da terceira pessoa, frases afirmativas etc. Entretanto, havia sido escrito sob encomenda da artista francesa Sophie Calle, que queria transpor a narrativa da literatura para a vida, encarnando a personagem e seguindo seus passos.

No conto encomendado, Vila-Matas cria um inusitado jogo de espelhamentos. Rita Malú, protagonista da narrativa, é uma artista amadora, pouco conhecida, que vive em Paris e se esforça por imitar, em tudo, outra artista, essa sim bastante conhecida, inclusive internacionalmente, e mesmo por nós, leitoras e leitores, uma vez que faz parte do nosso mundo real: a própria artista francesa Sophie Calle. Ou seja, ao transpor a ficção para a vida, Calle imitaria uma artista que a imita.

A viagem mencionada no título é motivada por um empreendimento detetivesco: a busca de Rita Malú por um escritor supostamente desaparecido e que provavelmente se refugiara na ilha do Pico, no arquipélago dos Açores. A viagem, cujo destino final é, portanto, a ilha do Pico, tem como primeira parada a cidade de Lisboa, de onde se pega o voo para os Açores. Rita Malú aproveita a parada e vai até a Boca do Inferno, perigosa falésia na costa atlântica portuguesa, situada entre Lisboa e Cascais. Na Boca do Inferno, imita o gesto do mago ocultista inglês Aleister Crowley, que lá havia simulado seu próprio suicídio em 1930, com ajuda do escritor português Fernando Pessoa. Quando chega aos Açores, hospeda-se na ilha do Faial, onde permanece durante dois dias, esperando que o tempo melhore para poder atravessar, de barco, até a ilha do Pico, destino final de sua viagem.

Entendendo que esse conto constituía um caso excepcional de incitação à ação na escrita literária, encomendada por uma pessoa em particular e a ela mesma endereçada, decidimos, em acordo com as professoras supervisoras do estágio pós-doutoral, que haveria uma mudança de *corpus* do projeto, que se concentraria a partir de então no projeto de Vila-Matas e Sophie Calle, conforme explicaremos abaixo.

## **5) Principais atividades executadas no período**

Devido às modificações do projeto acima mencionadas, as atividades previstas também sofreram algumas alterações, o que se deu sobretudo a partir de dezembro de 2023. A partir desse momento, além das atividades relacionadas à pesquisa teórica, dediquei-me a um processo paralelo de criação artística e literária, que envolveu uma viagem-performance (com a fabricação de registros fotográficos e videográficos) e a elaboração de diversos modos de relatá-la: a realização de um curta-metragem, a concepção de uma exposição e a redação de um romance em formato epistolar.

De acordo com o projeto original, a pesquisa teórica se faria em três frentes. A primeira se dedicaria à investigação e ao aprofundamento das interseções entre pensamento feminista, estudos pós-coloniais e decoloniais, e teoria *queer*. A segunda consistiria em uma revisão das teorias literárias sobre os contornos da tragédia, do melodrama e da paródia. E a terceira voltar-se-ia para o estudo da intermedialidade, sobretudo no que diz respeito às relações entre arte de instruções, roteiro de performance ou programa performativo e escrita literária de caráter injuntivo.

Em um primeiro momento, de agosto a dezembro de 2023, seguimos o plano que havia sido então traçado. Ou seja, além da pesquisa teórica mencionada, dedicamo-nos tanto a uma análise dos livros *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), de Patrícia Lino, e *Cigarros na cama* precedido de *Manual para melodrama* (2022), de Ricardo Domeneck, quanto à revisão da fortuna crítica sobre os poetas estudados. Dessa etapa, resultaram a redação e a submissão, em setembro de 2023, do artigo “A língua de Camões ou a *Última Flor da Irrelevância*: procedimento paródico em Patrícia Lino e Ricardo Domeneck”, para publicação em ebook referente a apresentações no XVIII Congresso Internacional da ABRALIC, e o Seminário Aberto “Cine-ilustração e teatralização da existência na escrita de Ricardo Domeneck”, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 16 de novembro de 2023. Ainda, no dia 14 de dezembro de 2023, tive a oportunidade de comparecer à

performance “História docinha: a história favorita dos portugueses”, realizada por Patrícia Lino na Universidade Nova de Lisboa em torno do livro *O kit de sobrevivência*.

A partir de dezembro de 2023, quando as alterações de percurso se impuseram, algumas modificações na pesquisa teórica se fizeram necessárias. A primeira e a terceira linha de investigação foram mantidas. A segunda, porém, foi alterada. Manteve-se ainda no campo da teoria literária, mas, em vez de se voltar para os temas que contemplariam o estudo das obras de Patrício Lino e Ricardo Domeneck (tragédia, melodrama e paródia), concentrou-se no conceito de metalepse, figura fulcral na narrativa de Enrique Vila-Matas.

No que diz respeito às interseções entre pensamento feminista, estudos pós-coloniais e decoloniais, e teoria *queer*, nossas principais leituras foram os livros *Viver uma vida feminista*, de Sara Ahmed, *The queer art of failure*, de Jack Halberstam, *Time binds: queer temporalities, queer histories*, de Elizabeth Freeman, e *Vidas rebeldes, belos experimentos*, de Saidiya Hartman. As reflexões suscitadas por essas leituras foram discutidas e aprofundadas em comunicações em congressos e elaboração de artigos científicos, conforme detalhado na seção 7 deste relatório (“Produção relacionada ao projeto”), especificamente nos itens *b, c, e, f, g, h, m e n*.

No campo da teoria literária, para melhor compreensão da figura da metalepse, dedicamo-nos à leitura do artigo “Livros, filmes, metalepse”, de Rosa Maria Martelo, do capítulo “Voz”, do livro *Figuras III*, de Gérard Genette, e do capítulo “Frontières de la fiction et metalepse”, do livro *Fait e fiction*, de Françoise Lavocat. Já no que concerne às relações entre performance, escrita injuntiva e literatura, destacamos a leitura do dossiê “Manuels et modes d’emploi : comment la littérature dispose à l’action”, publicado no número 29 da *Revista Fabula-LhT* (janeiro de 2023). Questões levantadas por essas leituras foram debatidas na comunicação “Como me tornei uma personagem de ficção: ajustes queer e feministas para viver um conto de Vila-Matas”, na Università Ca’Foscari Venezia, e no Seminário Aberto “Tentativa de imitação de Sophie Calle (a partir de um conto de Vila-Matas)”, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Além da pesquisa teórica mencionada, dedicamo-nos à leitura de obras de Sophie Calle e Enrique Vila-Matas,. Da artista francesa, lemos os sete volumes que compõem a série *Doubles-jeux* (*De l’obéissance, Le Rituel d’anniversaire, Les panoplies, À suivre, L’Hôtel, Le carnet d’adresses e Gotham Handbook*), e os livros *Des histoires vraies e Douleur exquise*. De Vila-Matas, além de reler o já mencionado livro de contos *Exploradores do abismo*, lemos seu último romance, *Montevideu*, e o livro *Perder*

*teorias*. Para prepararmos-nos para a viagem-performance, que implicava seguir os passos da personagem ficcional da narrativa de Vila-Matas, voltamos também para a leitura de texto de outros autores, direta ou indiretamente relacionados ao conto “A viagem de Rita Malú”. O primeiro deles foi o livro *O mistério da Boca do Inferno: correspondência e novela policial*, de Fernando Pessoa. Em seguida, passamos à leitura de obras literárias relacionadas ao arquipélago dos Açores, principal locação da narrativa. Dentre essas obras, destacamos *Mulher de Porto Pim*, de Antonio Tabucchi, *As ilhas desconhecidas*, de Raul Brandão, e *Mau tempo no canal*, de Vitorino Nemésio. Por fim, dedicamos-nos à leitura de três títulos da filósofa francesa Simone Weil, escritora admirada pela personagem Rita Malú.

O diálogo com essas últimas leituras realizou-se sobretudo no processo de criação artística e literária que se somou à pesquisa teórica, desdobrando-se na escrita de um romance e na proposta de uma exposição intermedial.

## **6) Apresentação e discussão sucinta dos principais resultados obtidos**

Ao aproximar arte, vida e literatura, o trabalho de Sophie Calle suscitou desde cedo o interesse de escritores, notadamente o estadunidense Paul Auster e o espanhol Enrique Vila-Matas. Entre as personagens do romance *Leviatã* (1992), de Paul Auster, está a artista Maria Turner, inspirada em Sophie Calle. Nove trabalhos de Turner são descritos no romance, sete dos quais coincidem com trabalhos da artista francesa. Os outros dois eram invenção literária e não tinham sido realizados por ela até então. Entretanto, ao ler o livro de Auster, Sophie Calle decidiu pôr em prática as obras imaginadas por ele. O jogo entre a artista e o escritor se desdobrou no projeto *Doubles jeux*, um conjunto de sete livros, divididos em três projetos distintos: “A vida de Maria e como ela influenciou a de Sophie”, “A vida de Sophie e como ela influenciou a de Maria” e “Uma das muitas maneiras de misturar ficção e realidade, ou como tentar se tornar personagem de romance”. Para esse último, Sophie Calle pediu que Auster escrevesse algo novo, especialmente para ela viver durante o período máximo de um ano. Eximindo-se de tamanha responsabilidade, Auster fez uma contraproposta e escreveu “Instruções pessoais para Sophie Calle sobre como melhorar a vida em Nova Iorque (porque ela pediu)”. Tratava-se de diretrizes simples, que Calle seguiu por uma semana. Entretanto, a artista não desistiu de viver como personagem literário e refez a proposta para outros



escritores, entre eles Enrique Vila-Matas, o único que empreendeu o projeto, escrevendo um conto para ela viver: “A viagem de Rita Malú”.

Transpondo a literatura para a vida, Sophie Calle tentaria imitar a personagem ficcional. Em seguida, supõe-se, faria um relato, por meio de textos e fotografias, da sua experiência. Em função de contratempos em sua vida pessoal, Sophie Calle abandonou o projeto e nunca viveu como Rita Malú, uma artista que, de resto, dedicava a sua vida a imitar... Sophie Calle. Vila-Matas incorporou o conto à sua novela “Porque ela não pediu isso” e a publicou no livro *Exploradores do abismo* (2007).

Recuperando o projeto abandonado por Sophie Calle, decidi eu mesma realizar a viagem de Rita Malú. E depois fazer um relato intermediário dessa viagem-performance. Nesse sentido, os resultados do projeto de pós-doutorado também sofreram alterações. Além de, como previsto, procedermos à sistematização das leituras e reflexões empreendidas, compartilhando os resultados da investigação através da apresentação de seminários e da redação de artigos científicos, dedicamo-nos à elaboração, artística e literária, do relato da viagem-performance realizada.

Na etapa de preparação da viagem-performance, deparei-me com um primeiro desafio: transformar a narrativa literária de Vila-Matas em um programa performativo. Como explica Fabião (2013, p. 4) em artigo já citado, o programa performativo consiste em um breve enunciado verbal que “possibilita, norteia e move a experimentação”. A pesquisadora destaca, ainda, “que quanto mais claro e conciso for o enunciado — sem adjetivos e com verbos no infinitivo — mais fluida será a experimentação” (FABIÃO, 2013, p. 4). O programa performativo ideal seria, portanto, um texto mínimo, prezando pela economia verbal e restringindo-se ao essencial da ação a ser desempenhada. Segundo a autora, “enunciados rocambolescos turvam e restringem, enquanto enunciados claros e sucintos garantem precisão e flexibilidade” (FABIÃO, 2013, p. 4). Fabião (2013, p. 3) nos oferece como exemplo o enunciado performativo de “Levitando Leite de Magnésia” (1992), do artista estadunidense William Pope.L: “Vou sentar numa poltrona por 3 dias (de quinta a sábado) e tentar fazer levitar um frasco de leite de magnésia. No sábado às 17:30 me levantarei”.

Referindo-se não a programas performativos especificamente, mas a textos injuntivos de um modo geral, o linguista francês Jean-Michel Adam observa que os discursos de incitação à ação caracterizam-se por uma simplicidade ou pobreza estrutural, o que os opõe à narrativa.

Enquanto as histórias produzem significados que sempre precisam ser interpretados, os textos de ação só precisam ser compreendidos. Eles auxiliam, facilitam e orientam a realização de uma tarefa desproblematizada pelas instruções e instruções procedimentais, todas ocorrendo em uma temporalidade linear e simplificada. (ADAM, 2017, p. 264, tradução minha)

Ora, como já observamos, embora o conto “A viagem de Rita Malú” tenha sido escrito com a expectativa de ser levado à ação, ele não se configura como um texto injuntivo. Longe de ser um breve enunciado, claro e conciso, o conto se estende por quinze páginas. Além disso, trata-se de uma narrativa literária, com as características discursivas e as demandas interpretativas que lhe são próprias. Portanto, com o objetivo de transpor a ficção para a vida real, precisei, primeiro, adaptar a narrativa às características de um texto injuntivo. Nesse sentido, dividi a história em quatro sequências principais, transformadas em quatro programas performativos, conforme o esquema abaixo.

#### SEQUÊNCIA 1. PARIS

Nomear-se detetive particular, montar um escritório e pôr anúncios em vários jornais da cidade: “Podemos encontrar a pessoa mais escondida da terra. Rita Spade. Detetives particulares”. Como ninguém solicitará seus serviços, partir para a ação: vestir-se como um homem, tirar fotos de carteira de identidade e com elas ir a bares e hotéis de Montparnasse perguntar se o tinham visto por ali, perguntando, na verdade, por si mesma. Finalmente, receber o pedido de uma cliente chamada Dora: ir em busca do escritor Jean Turner, supostamente desaparecido e provavelmente refugiado na ilha do Pico.

#### SEQUÊNCIA 2. LISBOA/BOCA DO INFERNO

Partir em busca de um escritor desaparecido e provavelmente refugiado na ilha do Pico. No caminho para os Açores, fazer escala em Lisboa. Em sua mala, levar a obra resumida e miniaturizada de Sophie Calle, bem como um livro de Simone Weil. Ir à Boca do Inferno e lá deixar um bilhete de falso suicídio, imitando o gesto do mago Aleister Crowley, no embuste de 1930 que contou com a ajuda de Fernando Pessoa. Endereçar o bilhete à Sophie Calle e assinar como Rita Malú. Voltar atrás, e trocar o bilhete por outro, com a mesma mensagem, mas dessa vez assinado por Sophie Calle.

### SEQUÊNCIA 3. ILHA DO FAIAL

Ir até a ilha do Faial, e esperar o tempo melhorar para atravessar de barco até a ilha do Pico. Enquanto espera, ir ao Café Sport, também conhecido como Peter's Bar, e conversar com antigos baleeiros. Pendurar no quadro de avisos do Café Sport uma mensagem anônima: “Sou uma náufraga da vida que está aqui para rejeitar o que considera seu último pretendente”. Algumas horas depois, pendurar outra mensagem: “O amor? Acredito nele, mas não é para mim, que nunca estive nem estarei apaixonada”. Quando importunada por um homem, mostrar a foto do falso casamento de Sophie Calle, dizendo ser a foto do próprio casamento.

### SEQUÊNCIA 4. ILHA DO PICO

Quando o tempo melhorar, atravessar o canal para a ilha do Pico, desembarcando no povoado de Madalena. Pegar um táxi para ir até o povoado de Lajes, pedindo ao motorista para se dirigir ao Museu das Baleias. No caminho, perguntar ao taxista se ele sabe onde mora o escritor da ilha do Pico, sem conseguir descobrir nada. Estando o museu fechado, visitar a igreja de Lajes e sentar-se no pub central do povoado. Na volta para Madalena, avistar uma casa vermelha no alto de um promontório. Ir até ela e bater à porta, que será aberta por um ancião. Perguntar ao ancião se a casa está à venda. Esperar ele dizer que sim, mas que está habitada por um fantasma. Perguntar quem é esse fantasma e receber a seguinte resposta: você.

Depois do desafio dessa adaptação textual, muitos outros se impuseram. Na empreitada de seguir os passos de Rita Malú, diversas outras adaptações precisaram ser feitas. Tratava-se de confrontar o texto ficcional aos dados que a realidade me oferecia no muito concreto percurso geográfico em que Vila-Matas fez transcorrer sua narrativa.

O processo de criação artística e literária teve seu início propriamente dito em janeiro de 2024, quando viajei a Paris, locação da primeira parte do conto “A viagem de Rita Malú”. Além de pôr em prática as ações da personagem ficcional na cidade francesa, tive a oportunidade de visitar última exposição de Sophie Calle, “À toi de faire, ma mignonne”, que estava então em cartaz no Museu Picasso de Paris. Embora a exposição tivesse sido pensada no bojo das homenagens a Picasso, no momento em que se completavam os 50 anos da sua morte, a verdade é que havia muito pouco de Picasso na exposição, que se tornou uma retrospectiva da obra da própria Sophie Calle.

Em algumas salas da exposição, estavam todos os seus projetos idealizados, mas não realizados ou inacabados. Dentre eles, o projeto com Vila-Matas, com o seguinte

motivo da não realização: contratempo. O título que Sophie Calle deu ao projeto foi: “Personagem em busca de um autor”, que remete à peça “Seis personagens em busca de um autor” (1921), do dramaturgo italiano Luigi Pirandello. Na peça de Pirandello, um diretor está ensaiando com seus atores, quando, de repente, irrompe no teatro, entrando pelo espaço da plateia, seis pessoas, que sobem ao palco afirmando serem personagens: são o pai, a mãe, três filhos e a enteada. Eles são personagens de um complicado drama familiar e querem um autor que escreva a sua história.

Curiosamente, essa peça é mencionada por Gérard Genette, em seu livro *Figuras III*, como um dos exemplos do que ele chama de *metalepse*, essa figura que permeia tanto a narrativa de Vila-Matas quanto o projeto que desenvolvi a partir dela. O sentido original de *metalepse* seria o de “retomar (contar) mudando de nível” (Genette 1972: 244, nota 4). Ou seja, a figura aponta para uma porosidade entre diversos níveis narrativos, para uma instabilidade promovida pelo romper de fronteiras entre o mundo onde se conta e aquele que se conta, o mundo do autor e o mundo da obra, o mundo ficcional e o mundo real, o universo diegético e o extradiegético.

Depois da ida a Paris em janeiro, viajei, em fevereiro, para as ilhas do Faial e do Pico, nos Açores, não sem antes passar por Lisboa e ir até a Boca do Inferno, como fazia a personagem Rita Malú. O relato da viagem-performance se desdobrou em dois trabalhos. O primeiro consiste em um romance epistolar, composto de e-mails endereçados a Enrique Vila-Matas, em que conto sobre os modos como obedeci ou desobedeci ao seu roteiro. Cabe destacar que o romance tem um caráter intermedial, sendo “documentado” com fotografias e pequenos vídeos, que se apresentam como anexos à narrativa. O texto está em processo de finalização e, em breve, será apresentado a uma editora, com vistas à sua publicação.

O segundo desdobramento do relato consiste na proposta da exposição “Porque ninguém me pediu isso: romance de parede”. Se a primeira parte do título remete à novela de Vila-Matas, “Porque ela não pediu isso”, a segunda parte remete ao peculiar gênero artístico criado por Sophie Calle: romances de parede. Trata-se, como explica o narrador da novela, de “narrações reais mas de corte romanesco, contadas por intermédio de fotografias penduradas nas paredes das salas de arte e com a própria fotógrafa como centro dessas histórias” (VILA-MATAS, 2013, p. 242). A exposição deve integrar a programação das *Jornadas de Poesia e Performance III*, evento a ser realizado em março de 2025 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Prevê-se que seja inaugurada no Instituto Pernambuco no dia 22 de março, último dia das *Jornadas*.

Por fim, vale destacar ainda a oportunidade que tive a oportunidade de ir ao Festival de Avignon, na França, em julho de 2024, para assistir a uma leitura dramatizada da novela “Porque ela não pediu isso”. Na ocasião, Sophie Calle interpretou o próprio papel. E Vila-Matas esteve presente para uma conversa final após a leitura. Depois do evento, pude conversar com os dois e relatar brevemente a minha experiência de viver a história que Sophie Calle havia encomendado a Vila-Matas, sem poder concretizá-la.

## **7) Produção relacionada ao projeto**

- a) Redação do artigo “A língua de Camões ou a *Última Flor da Irrelevância*: procedimento paródico em Patrícia Lino e Ricardo Domeneck” para publicação em ebook referente a apresentações no XVIII Congresso Internacional da ABRALIC – submissão realizada em setembro de 2023.
- b) Apresentação da Comunicação “Mau lugar de fala, meu lugar de falha: espessuras da (in)visibilidade lésbica”, no “IV Seminário Musas em Ação: Espessuras da [in]visibilidade”, promovido por Reitoria da Universidade do Porto e Escola Superior de Educação do Porto, realizado na Casa Comum - Reitoria da Universidade do Porto nos dias 26 e 27 de outubro de 2023;
- c) Apresentação da Comunicação “A fabulação crítica de Saidiya Hartman” no Congresso Internacional “Entre Restos e Rastos: ficções do arquivo, arquivos na ficção”, promovido pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e realizado nos dias 23 e 24 de novembro de 2023;
- d) Apresentação do Seminário aberto “Cine-ilustração e teatralização da experiência na escrita de Ricardo Domeneck”, promovido pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e realizado na Faculdade de Letras na Universidade do Porto em 16 de novembro de 2023;
- e) Apresentação do Seminário aberto “Práticas artísticas e conceituais do arquivo: insurgência, reapropriação e invenção no contemporâneo”, em conjunto com a professora Lúcia Ricotta (UNIRIO), promovido pelo Instituto de Literatura

Comparada Margarida Losa e realizado na Faculdade de Letras na Universidade do Porto em 29 de novembro de 2023;

- f) Publicação do artigo, com co-autoria da professora Lúcia Ricotta Vilela Pinto, “Lineage, Language: Archival Fabulations in Water is a time machine”, na revista *Il toloмео* (Revista de Estudos Pós-Coloniais da Università Ca’Foscari Venezia), 25, 245-262, dezembro de 2023;
- g) Redação do artigo “Poetas de pochetto: quiném homem, quiném mulher”, publicado na revista *Texto Poético*, 20 (41), 64–85, janeiro de 2024;
- h) Apresentação da comunicação “À la recherche de ce qui aurait pu être dit : la fabulation critique de Saidiya Hartman face à la violence des archives” no Colóquio “Littérature et nouvelles relations”, realizado na EHESS (Campus Condorcet, Paris, França) nos dias 12 e 13 de janeiro de 2024;
- i) Apresentação da Comunicação “Porque eu pedi: uma viagem queer à ilha do Pico” nas “Jornadas Poesia e Performance II – Corpo, Manifesto”, promovido pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e na Casa Comum - Reitoria da Universidade do Porto, entre os dias 22 e 24 de fevereiro de 2024;
- j) Apresentação da Conferência “Como me tornei uma personagem de ficção: ajustes *queer* e feministas para viver um conto de Vila-Matas”, no âmbito do evento “Estudos portugueses: questões de gênero e estudos queer”, realizado na Universidade de Veneza, Ca’Foscari, em 16 de abril de 2024;
- k) Apresentação da Palestra online “O pendor para o teatro na obra de Ana Luísa Amaral”, no âmbito do Projeto de Extensão *Ler com Eles/Elas no Real*, promovido pelo Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em 30 de abril de 2024;
- l) Apresentação do Seminário Aberto “Tentativa de imitação de Sophie Calle (a partir de um conto de Vila-Matas)”, promovido pelo Instituto de Literatura

Comparada Margarida Losa e realizado na Faculdade de Letras na Universidade do Porto em 20 de maio de 2024;

- m) Redação do artigo “A fabulação crítica de Saidiya Hartman” para publicação referente às comunicações apresentadas no Congresso Internacional “Entre Restos e Rastos: ficções do arquivo, arquivos na ficção” – submissão realizada em 05 de junho de 2024;
- n) Participação nas Jornadas Femqueer II, na mesa redonda “Transmedialidades queer”, no dia 27 de junho de 2024, e na sessão do Cineclube Lastro, no dia 28 de junho de 2024, com exibição do curta-metragem "Esguicho", seguida de debate com o público;
- o) Proposta do dossiê “Poesia: instruções, modos de usar” (título provisório), em colaboração com o investigador do ILCML Diogo Marques, para o número 25 da *eLyra* - Revista da Rede Internacional Lyraempoetics. A proposta foi aprovada pela equipa editorial, tendo previsão de publicação em junho de 2025;
- p) Proposta da exposição “Porque ninguém me pediu isso: romance de parede”, com curadoria dos investigadores do ILCML Diogo Marques e Ana Sabino. A proposta de exposição foi aprovada pela comissão organizadora das *Jornadas de Poesia e Performance III* como parte integrante do evento, tendo previsão de inauguração no Instituto Pernambuco no dia 22 de março de 2025, último dia da próxima edição das Jornadas.
- q) Escrita do romance *Sophiecallesca* (título provisório), relato da viagem-performance em formato epistolar. A narrativa está em processo de finalização. Seu primeiro capítulo foi publicado tanto no site quanto no blog do escritor Enrique Vila-Matas, como se pode conferir nos seguintes links:  
<http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escrmiguelotec1.html>;  
<http://www.blogenriquevilamatas.com/?p=14034>.

## 8) Referências

ADAM, Jean-Michel. *Les Textes : types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Armand Colin, 2017.

AHMED, Sara. *Viver uma vida feminista*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, Sheyla Miranda e Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu, 2022.

ALTSHULER, Bruce. Art by instruction and the Pre-History of do it. Disponível em: [http://projects.e-flux.com/do\\_it/notes/notes.html](http://projects.e-flux.com/do_it/notes/notes.html)

CALLE, Sophie. *Des histoires vraies*. Arles: Actes Sud, 2023.

CALLE, Sophie. *Douleur exquise*. Arles: Actes Sud, 2003.

CALLE, Sophie. *Doubles-jeux*. Arles: Actes Sud, 2019.

CALLE, Sophie. *Tout*. Arles: Actes Sud, 2015.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. Campinas: Ilinx *Revista Lume*, n. 04, 2103.

FREEMAN, Elizabeth. *Time binds: queer temporalities, queer histories*. Durham; London: Duke University Press, 2010.

GACHE, Belén. *Instruções de uso: partituras, receitas e algoritmos na poesia e na arte contemporânea*. Florianópolis: par(ent)esis, 2017.

GENETTE, Gérard. *Figuras III*. Tradução de Ana Alencar. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

GOLDBERG, RoseLee. *A arte da performance: do futurismo ao presente*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

HALBERSTAM, Jack. *The queer art of failure*. Duke University Press, 2011.

HARTMAN, Saydiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: história íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução: Floresta. São Paulo, SP: Fósforo, 2022.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

LAVOCAT, Françoise. *Fait e fiction: pour une frontière*. Paris: Seuil, 2016.

LEITE, Janaina Fontes. *Autoescrituras performativas: do diário à cena*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017.

MARTELO, Rosa. *Devagar, a Poesia*. Lisboa: Documenta, 2022.



MARTELO, Rosa. Livros, filmes, metalepses. *Revista Falso Movimento*, n. 2, p. 277-289, 2015.

OBRIST, Hans Ulrich. *Do it: a exposição entre atualização e virtualização, repetição e diferença*. Disponível em: [http://projects.e-flux.com/do\\_it/itinerary/itinerary.html](http://projects.e-flux.com/do_it/itinerary/itinerary.html). Acesso em: ago. 2022.

ONO, Yoko. *Grapefruit: o livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*. Tradução de Giovanna Viana Martins e Mariana de Matos Moreira Barbosa. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: [https://monoskop.org/images/9/95/Ono\\_195Yoko\\_Grapefruit\\_O\\_Livro\\_de\\_Instrucoes\\_e\\_Desenhos\\_de\\_Yoko\\_Ono.pdf](https://monoskop.org/images/9/95/Ono_195Yoko_Grapefruit_O_Livro_de_Instrucoes_e_Desenhos_de_Yoko_Ono.pdf). Acesso em: set. 2016.

PIRANDELLO, Luigi. *Seis personagens à procura de um autor*. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Abril, 1978.

PRECIADO, Paul. Roger Bernat. DOCUMENTA 14. *Daybook*. Munich, London, New York: Prestel, 2017.

SCHWARZ, Arturo. O Grande vidro e os readymades, mesmo. FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. *Marcel Duchamp*. São Paulo: A Fundação, 1987.

VILA-MATAS, Enrique. *Exploradores do abismo*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VILA-MATAS, Enrique. *Montevideu*. Tradução de J. Teixeira Aguilár. Lisboa: Dom Quixote, 2023.